

SKETCHBOOKS – EXPOSIÇÃO

Em um contexto de poéticas, o projeto curatorial da Pinacoteca deseja mostrar uma das interfaces plásticas no processo de gestação da arte contemporânea: o caderno de anotações do/a artista, conhecido como *sketchbook*. A mostra parte de uma iniciativa do *Diretório Acadêmico de Artes Visuais* do Curso de Artes Visuais e Arteterapia. É assim como, dentro do projeto de pesquisa *Centro de Documentação Eletrônica* (Fapergs), vinculado à Pinacoteca, se apresenta a exposição **Sketchbooks**, reunindo documentações do processo artístico de estudantes do Curso de Artes Visuais, da Universidade Feevale.

Sketchbooks são figuras e literatura afetiva, que, muitas vezes, o/a artista goza em seu espaço privado, imaginário. Nesta mostra, o/a artista (ex)põe essa práxis íntima. Estes documentos são considerados fontes primárias para a pesquisa da arte contemporânea, na medida em que são indissociáveis do projeto.

Podemos observar como os/as artistas interagem com a vida cotidiana, delírios, pontos de observação, realidades imaginantes, fantasias, sonhos. Mostram técnicas pessoais, e, também, atitudes artísticas. A ideia de *sketchbook* constitui também a ideia de viagem, de pesquisa. É autobiográfica, porém, dista de ser autoreferencial, pois, documenta a interlocução com o *tempo* e o *espaço*.

Constituem exemplos deste tipo de cadernos, em suas mais variadas modalidades, trabalhos do artista italiano Leonardo Da Vinci (1452-1519), do alemão Albrecht Dürer (1471-1528), os cadernos dos ingleses William Turner (1775-1851) e Elizabeth Posthuma Gwillim (Lady Simcoe) (1762-1850), da francesa Rosa Bonheur (1822-1899), e, também, é notável o *Carnet de Tahiti*, do pintor francês Paul Gauguin, e *El Diario de Frida Kahlo* da artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954), os cadernos da canadense Jori Smith (1907-2005), e o *carnet de croquis* do artista francês de ciência e ficção Aleksis Briclot (1978).

Cabe citar as anotações visuais e verbais que fazem parte de *Travailleurs de la mer* (1866), do escritor francês Victor Hugo (1802-1885), criações literárias, produzidas durante seu exílio na ilha anglo-normanda de Guernesey, que transitam entre a imagem e a palavra para dar vida a personagens e contextos imaginários, a partir de visões noturnas de insônia, e, onde o desenho não é uma ilustração, mas um passo no processo de escrita completa, o que determina o *sketch* como imagem do processo artístico. Atualmente, destaca,



também, o trabalho dos Urban Scketchers Portugal, através dos seus desenhos *in situ*.

Os riscos, os traços, as formas, as imagens, como *sketchs*, nutrem e incitam e intensificam a prática artística. Há uma liberdade sígnica: afetos que antecedem à forma. A forma descompromissada permite a expressidade de imagens errantes. Contextos de significação. As ideias, que se manifestam no caderno, configuram uma nova linguagem (in)classificável.

A prática do *sketch – book* - escapa, também, de materialidades requisitadas. No *sketch*, não será a convenção da qualidade a que determine as consequências artísticas. Lápis, borracha, mancha, riscos, caneta, papel, foto, jornal, clips, dobras, notas, vale de tudo.

Finalmente, a Pinacoteca propõe a exposição **Sketchbooks** como uma forma mais de respeitar a diversidade artística, em um momento em que evidenciamos o caráter inevitavelmente contingente de nós, do mundo e da arte.

Prof.^a Dr.^a. Rosa Maria Blanca
Coordenadora da Pinacoteca Feevale